

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM ALEGRETE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ANÁLISE DE INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS EM GRUPO EM UM  
CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTOJUVENIL (CAPSi)

**Nathália Blanco Machado**

<https://orcid.org/0009-0003-6445-9662>

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

E-mail: [nathalia-machado@uergs.edu.br](mailto:nathalia-machado@uergs.edu.br)

**Adriana Barni Truccolo**

<https://orcid.org/0000-0003-0442-2908>

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

E-mail: [adriana-truccolo@uergs.edu.br](mailto:adriana-truccolo@uergs.edu.br)

---

**RESUMO**

**Objetivo:** Analisar as intervenções psicopedagógicas no atendimento em grupo em um centro de atenção psicossocial infantojuvenil (CAPSi), localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul. **Método:** Pesquisa com abordagem qualitativa, descritiva com relação aos objetivos e de campo com relação aos procedimentos técnicos utilizados. **Resultados:** o pedagogo organizou dinâmicas respeitando as singularidades de cada criança e valorizando a ambiência como potente espaço de produção de subjetividades. Foi possível observar a criação de vínculo da criança com a instituição e o seu desenvolvimento frente às intervenções realizadas pelo psicopedagogo, afirmando a importância do atendimento humanizado realizado no CAPSi. A interlocução com as famílias sempre foi clara, com escuta atenta e acolhedora. **Conclusão:** Com uma atitude acolhedora, um olhar atento e uma escuta sensível de construção de vínculo e valorização da criança no seu itinerário terapêutico, o psicopedagogo colocará em prática a humanização no processo de produção de saúde.

**Palavras-chave:** Psicopedagogia; Criança; Centro de atenção psicossocial.

---

**ABSTRACT**

**Objective:** To know the therapeutic itinerary outlined by the psychopedagogue for children assisted in a group at a psychosocial care center for children and adolescents (CAPSi), located in the interior of the state of Rio Grande do Sul. **Method:** Research with a qualitative approach, descriptive in relation to the objectives and field in relation to the technical procedures used. **Results:** the pedagogue organized dynamics respecting the singularities of each child and valuing the ambience as a powerful space for the production of subjectivities. It was possible to observe the creation of a bond between the child and the institution and its development in view of the interventions carried out by the psychopedagogue, affirming the importance of the humanized care provided at the CAPSi. Interlocution with families was always clear, with attentive and welcoming listening. **Conclusion:** With a welcoming attitude, an attentive look and a sensitive listening to bond building and valuing the child in their therapeutic itinerary, the psychopedagogue will put into practice the humanization in the health production process.

**Keywords:** Psychopedagogy; Child; Psychosocial care center.

## INTRODUÇÃO

O Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPS i) é um programa de atenção diária, subordinado ao Ministério da Saúde e especializado em atender crianças e adolescentes com transtornos mentais. Formado por equipe interdisciplinar, o CAPS i objetiva que a criança possa reconstruir vínculos e retomar sua vida familiar, escolar e social fortalecendo os laços com a família e comunidade (BRASIL, 2014). As atividades podem ser desenvolvidas individualmente, em grupo, com os familiares, através de visitas domiciliares, oficinas terapêuticas, atividades socioculturais e esportivas (BRASIL, 2004).

Os profissionais que trabalham nos CAPS-i são de diversas áreas e integram uma equipe multiprofissional, com técnicos de nível superior e de nível médio. Os profissionais de nível superior podem ser enfermeiro, médico, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, pedagogo ou professor de educação física; e os profissionais de nível médio podem ser técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão (BRASIL, 2015).

O profissional da pedagogia, opera como um mediador do diálogo entre os demais membros da equipe e os usuários, auxiliando a criança com o processo de inclusão social, interação, desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor (FARIAS; FRANCISCO, 2022). Através de uma atuação humanizada e inclusiva, poderá contribuir para uma aprendizagem significativa, bem como para a reabilitação da criança ao meio social (SOUZA; ALMEIDA; DUTRA, 2019), sendo o elo de aproximação da criança com a escola.

Mais do que um tratamento medicamentoso ou terapêutico, o atendimento nos CAPS evolui por uma dimensão educativa e pedagógica, na medida em que demanda organização, planejamento e acompanhamento em busca de uma resposta que corresponda à melhora do paciente e sua reinserção social. O eixo norteador para a reabilitação psicossocial inclui o desenvolvimento da autonomia, da socialização e das potencialidades do usuário (CRUZ et al., 2021).

Batista, Gonçalves e Andrade (2015, p. 327) dizem que a Psicopedagogia surge para atender a uma demanda específica de auxílio à superação das dificuldades de aprendizagem, atuando de forma preventiva e terapêutica. O Código de Ética do Psicopedagogo, no seu artigo 1º, menciona que a Psicopedagogia é um “campo de atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana” sendo essa

aprendizagem influenciada tanto pela família quanto pela escola e pela sociedade.

Assim, educação e saúde são dois campos do conhecimento que se complementam, e o pedagogo pode contribuir positivamente na assistência às demandas do CAPSi. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) enfatiza que a educação envolve processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, nas instituições de ensino. (BRASIL, 1996).

Importante salientar que de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (2006), art. 4º, o pedagogo trabalha, “em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo” (BRASIL/CNE, 2006).

Uma das possibilidades de trabalho com as crianças no CAPSi é através das oficinas terapêuticas que são estratégias favorecedoras do processo de reabilitação psicossocial, com foco em trabalhar o desenvolvimento de potencialidades individuais e a aprendizagem de novos saberes, bem como contribuir para a ressocialização dos usuários. Configuram-se como atividades grupais de diversos conteúdos, mas com o intuito de promover maior integração social e familiar, estimular a expressividade e o desenvolvimento de habilidades corporais (OLIVEIRA; PERES; 2021).

As oficinas terapêuticas podem ser de três tipos: expressivas (espaços de expressão corporal, verbal, musical e artística), geradoras de renda (possibilitando o aprendizado de atividades que podem servir como fonte de renda) ou de alfabetização (destinada aos que não foram inseridos no mundo letrado). As atividades expressivas são utilizadas como instrumentos potencializadores desse processo, ampliando a percepção, resgatando a autoestima e despertando a criatividade das crianças e adolescentes (ROCHA et al., 2022).

Quando mencionamos atividades expressivas ou atividades artísticas não podemos deixar de citar o psiquiatra Osório Cesar que foi o responsável por introduzir no Brasil, em 1920, os recursos artísticos como forma de intervenção no campo da saúde mental. Mais tarde, em 1946, a também psiquiatra Nise da Silveira, conhecendo o trabalho do Dr. Osório Cesar, introduziu as atividades artísticas como método terapêutico. O trabalho de Nise se destacou pela afetividade e forma humanizada de tratamento, norteados para a reinserção social do paciente (OLIVEIRA; MELO JÚNIOR; VIEIRA-SILVA; 2017).

O impacto da pandemia sobre crianças, famílias e comunidades variou de acordo com o contexto de cada um, mas é indiscutível que a Covid-19 e as medidas de contenção adotadas afetaram as crianças e o ambiente como um todo (SISNEIRO; TRUCCOLO, 2022). Sabendo-se que os primeiros anos de vida da criança formam a base para o seu desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional e sabendo-se que as crianças pequenas vivendo em um ambiente saudável e convivendo com adultos afetuosos e acolhedores tendem a ter um melhor desempenho na escola e uma probabilidade maior de se tornar um adulto seguro e confiante de suas habilidades é que se justifica a escolha dessa faixa etária para a realização da pesquisa.

A partir do acima formulou-se a seguinte questão de pesquisa: Qual a contribuição da psicopedagogia no atendimento em grupo em um centro de atenção psicossocial infantojuvenil (CAPSi)?

O objetivo geral foi analisar as intervenções psicopedagógicas no atendimento em grupo em um centro de atenção psicossocial infantojuvenil (CAPSi), localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul; e os objetivos específicos foram: conhecer as atividades propostas pelo psicopedagogo a um grupo de crianças usuárias; observar a reação das crianças frente às atividades propostas; conhecer como ocorre a interlocução entre psicopedagogo e os responsáveis pelas crianças.

## **1. MÉTODO E PROCEDIMENTOS**

Pesquisa com abordagem qualitativa, descritiva com relação aos objetivos e de campo com relação aos procedimentos técnicos utilizados. Segundo Minayo *et al.* (2012) a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, é subjetiva e não captável em equações, médias e estatísticas. Ainda, de acordo com Minayo (2000) a subjetividade, na pesquisa qualitativa, não é vista como um obstáculo para a construção do conhecimento científico e sim como parte integrante da singularidade do fenômeno investigado. Concordamos com Minayo e optamos por fazer uma investigação impregnada de empatia e subjetividade, preocupada com a qualidade do olhar, do ouvir, do perceber.

Concordamos com Minayo e optamos por fazer uma investigação impregnada de empatia e subjetividade, preocupada com a qualidade do olhar, do ouvir, do perceber.

Conforme Gil (2008) a pesquisa do tipo descritiva objetiva descrever as

características de determinado fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis., utilizando de técnicas padronizadas para a coleta de dados. E foi através do olhar atento e da escuta sensível, até mesmo dos silêncios, mas sem perder a objetividade, que me propus a descrever os gestos, as atitudes, as inter-relações construídas.

### 1.1 SITUANDO O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

A pesquisa foi realizada no único Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) de um município da fronteira oeste, com população estimada em setenta e dois mil habitantes (IBGE, 2021), no estado do Rio Grande do Sul.

O CAPS i fica localizado na região leste do município, ao lado de uma praça pública, área de lazer dos moradores do território (FIGURA 1). Fornece atendimento de segunda a sexta-feira das 8 horas às 17 horas, e todas as terças-feiras no período da manhã há expediente interno para reunião de equipe. A equipe interdisciplinar é composta por três psicólogas, uma fonoaudióloga, um psicopedagogo, uma terapeuta ocupacional, uma assistente social, uma enfermeira, duas técnicas de enfermagem, e um médico psiquiatra. Além disso, três funcionárias trabalhando na secretaria, um motorista, uma servente e dois médicos residentes de psiquiatria.

O Ministério da Saúde (MS) preconiza que a equipe mínima de um CAPSi seja composta por um médico psiquiatra, ou neurologista ou pediatra com formação em saúde mental; um enfermeiro, quatro profissionais de nível superior e cinco profissionais de nível médio. O CAPSi em estudo possui três profissionais de nível superior a mais do que o preconizado pelo MS e três profissionais de nível médio a menos. Por ser o único CAPSi da cidade acaba recebendo uma maior demanda e de situações que deveriam ser atendidas pela unidade básica em saúde (UBS), aumentando a necessidade de pessoal na equipe. Dessa forma, os residentes se integram à equipe também para suprir essa necessidade. O desvirtuamento do objetivo do CAPS pode vir a acarretar um desamparo aos casos que realmente necessitam de profissionais especializados em saúde mental (CUNHA; BOARINI, 2011, pg. 73). Assim, o trabalho voluntário seja através de discentes estagiários, docentes com projetos de pesquisa e ou extensão, o que não é prática incomum na rede de atenção psicossocial (RAPS), vêm a contribuir com os atendimentos, como mencionam Querino et al. (2022).

De acordo com Araújo et. al, (2017) a territorialização “é uma ferramenta para o planejamento das ações de saúde que possibilita a identificação dos aspectos

ambientais, sociais, demográficos e econômicos e dos principais problemas de saúde em determinada área.” Barros, et al. (2020) enfatizam o quão importante é entender a complexidade do território de responsabilidade do CAPS para adequar/construir Projetos Terapêuticos Individuais promovendo assim melhor qualidade no cuidado. Quando se fala em território, é importante salientar que esse é um espaço que extrapola os sentidos meramente geográficos ou regionais, tendo relação com “as redes sociais daquele que é cuidado, que inclui a família, os vizinhos, a escola, a praça, o clube, os lugares de lazer.” O território é o “lugar psicossocial do sujeito; é onde a vida acontece” (BRASIL, 2014, p. 26; SARACENO, 2020).

O CAPSi estudado conta com tráfego de transporte público próximo e quando observado que as famílias das crianças e adolescentes que necessitem do serviço não tem condições de acessá-lo, após o primeiro contato com a instituição é realizada a busca ativa como incentivo a continuidade e não abandono do tratamento.

Figura 1. Fotografia Aérea do Entorno



Fonte: Google Maps

A estrutura física do CAPSi conta com oito salas, diferenciadas por cores com o objetivo de tornar o ambiente acolhedor, sendo denominadas em sala azul, verde, marsala, caramelo, amarela, lilás, laranja, sala de enfermagem, área de recepção e administração, salão para grupos e oficinas, banheiro de funcionários e banheiros para usuários, sendo dois masculinos e dois femininos. Desde a entrada até o ambiente interno da instituição é possível observar murais e placas com mensagens positivas, quadros e desenhos produzidos pelas crianças e adolescentes que frequentam a

instituição. A maioria das salas conta com um ar-condicionado, e o atendimento do psicopedagogo acontece na sala amarela.

A sala amarela, de atendimento psicopedagógico, é espaçosa e impregnada de estímulos lúdicos. Contém uma lousa para giz e personagens do filme “Divertida Mente” colados. Um armário fechado com materiais pedagógicos e decorado com figuras lúdicas coladas, uma prateleira organizada com jogos e livros expostos, uma mesa coberta por uma toalha de unicórnio e com dez cadeiras em tamanho adequado para as crianças. Alguns brinquedos organizados no chão expostos para manuseio, um aparelho de televisão com acesso à internet, um mural para exposição de trabalhos desenvolvidos pelas crianças. Mesa do profissional com três cadeiras e uma prateleira organizada com arquivos. Um ar-condicionado, janelas grandes e redondas. Percebe-se o tratamento sensível dado ao espaço físico, entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais, que proporciona atenção acolhedora, resolutiva e humana. Nota-se que o espaço também visa a privacidade e individualidade dos envolvidos, e valoriza a estimulação sensorial, cor, cheiro, som, iluminação, tudo é pensado garantindo conforto aos trabalhadores e usuários. Antes de iniciar o atendimento o profissional prepara a sala com aroma de incenso, na TV música com sons instrumentais e imagens de natureza e sobre a mesa materiais escolares e objetos que serão utilizados conforme a proposta planejada. É um espaço que favorece a produção de subjetividades, usado como recurso facilitador do atendimento humanizado, acolhedor e resolutivo. A composição da ambiência (BRASIL, 2006) foi pensada com afeto, com amorosidade.

## 1.2 APRESENTANDO OS PARTICIPANTES

O CAPSi atende crianças e adolescentes de 0 a 18 anos com transtornos mentais graves e persistentes.

Os participantes da pesquisa foram 12 crianças com idade entre 5 e 13 anos, usuárias do serviço do CAPSi e o psicopedagogo responsável pelos atendimentos, que havia chegado recentemente ao CAPSi, encontrando-se em período de adaptação.

As crianças atendidas demonstram dificuldade em interação social, dificuldade na leitura, escrita e motricidade fina, dificuldade em reconhecer e diferenciar objetos escolares, falta de autonomia para iniciar atividades ou expressar ideias e sentimentos e a busca por um olhar de aprovação.

O psicopedagogo possui especialização em nível Lato Sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Psicanálise Clínica (Especialização em Saúde Mental) e Neuro psicopedagogia Clínica e Educação Especial, em São Matias. Atuava na Escola Especial Paul Harris na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Alegrete, na triagem, acolhimento e encaminhamento de pacientes para devidos profissionais e grupos. Atualmente é responsável pelos atendimentos psicopedagógicos no Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil de Alegrete, estando em período de adaptação. Estava realizando os primeiros atendimentos a fim de conhecer os pacientes que já frequentam a instituição para avaliar a necessidade de reformulação e formação de novos grupos. Ele estava começando a conhecer as crianças e eu estava começando a observá-las.

Preocupava-me a questão ética da pesquisa. Assim, em nenhum momento foi pensado realizar uma investigação na qual as crianças não soubessem da minha presença. Me apresentei às crianças e ao responsável que conduzia a criança e após a concordância dos dois, me integrei ao grupo, segura para dar início à coleta dos dados.

Em janeiro o psicopedagogo atendeu 83 crianças e em fevereiro, 131 crianças. Segundo relato da equipe, nos meses de férias escolares as buscas por atendimento na instituição diminuem e as faltas aumentam. Já a partir do mês de abril a procura por atendimento aumenta em grande número, devido a encaminhamentos escolares e através da família que relata observar a falta de concentração da criança em sala de aula.

Segundo o CAPSi o afastamento do ambiente escolar devido a pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2), ainda apresenta consequências tendo causado aumento na procura por atendimento, sendo que em 2022 foram atendidas 848 crianças.

### 1.3 A COLETA DAS INFORMAÇÕES

A coleta de dados foi realizada por meio do contato direto com os participantes a fim de relatar situações reais através das vivências de cada sujeito, pois como afirma Queiroz *et al.* (2007), a pesquisa qualitativa tem como foco de estudo o processo vivenciado pelos sujeitos.

Os instrumentos utilizados na coleta das informações foram a observação participante e o registro das conversas mantidas com o psicopedagogo ao longo das observações. Amgrosino (2009, p.56) menciona que observar é “perceber as atividades e os inter-relacionamentos das pessoas no cenário de campo, através dos cinco sentidos do pesquisador”.

Segundo Neto (1994, p.59), a observação participante acontece “quando do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado com o intuito de conhecer a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. E por isso decidimos por essa técnica de coleta de dados, pois sabíamos que somente dessa forma seria possível enxergar, captar, detectar uma variedade de situações que não seriam reveladas, por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem a informação também pelo gesto, pela concordância em realizar uma atividade proposta, ou por não a realizar, pelo tom de voz, e até mesmo não indo à sessão.

Severino (2013, p.104) nos diz que “observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas registramos descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações feitas ao longo dessa participação”. E foi o que aconteceu. Tanto as observações realizadas quanto as conversas mantidas com o psicopedagogo durante a nossa convivência no CAPSi foram anotadas em um diário de campo, elemento fundamental para a organização e coleta de dados da pesquisa. O registro das observações e conversas no diário, permitiu um constante revisitar dos dados, lembrando sequência de fatos ocorridos no início das observações que já estavam se perdendo no meio de tantas outras observações.

Foram realizadas 15 observações ao CAPSi, com início em 18 de janeiro e término em 30 de março de 2023, totalizando 60 horas de observação participante. A instituição assinou Termo de Autorização Institucional (TAI), o psicopedagogo e familiares assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e as crianças foram indagadas informalmente se eu poderia permanecer durante a sessão.

O material foi categorizado pela análise temática de conteúdo de Bardin (2002), e do agrupamento das Unidades de Análise surgiram as categorias temáticas apresentadas a seguir.

## **2. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O objetivo da pesquisa foi conhecer o itinerário terapêutico delineado pelo psicopedagogo para crianças atendidas em grupo em um centro de atenção psicossocial infanto juvenil (CAPSi), localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul. A partir de recortes do diário de campo e das observações emergiram três categorias temáticas: A intervenção psicopedagógica em grupo; A reação das crianças em cinco dos encontros observados e a interlocução entre o psicopedagogo e os responsáveis pelas crianças.

## A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM GRUPO, A REAÇÃO DAS CRIANÇAS E A INTERLOCUÇÃO COM AS FAMÍLIAS

O atendimento em grupo é um recurso para promover sociabilidade, intermediar relações, manejar dificuldades relacionais, possibilitando experiência de construção compartilhada, vivência de pertencimento, troca de afetos, autoestima, autonomia e formação de vínculo. De acordo com Levy (2016) as oficinas terapêuticas são uma forma de o profissional estabelecer vínculo com o usuário. Abaixo descrevemos cinco das sessões observadas e salientamos que os nomes mencionados são fictícios.

Para a primeira intervenção em grupo, em 18 de janeiro, o psicopedagogo planejou atividades em que as crianças pudessem falar sobre si, estimulando a expressão de ideias, pensamentos e sentimentos, bem como atividades que provocassem interação entre as crianças. Utilizou diversas revistas com imagens de objetos utilizados no dia-a-dia e propôs que cada criança procurasse, recortasse e colasse imagens de coisas que gostavam de fazer. Desejava descobrir o grau de autonomia da criança, se conseguia expressar as ideias e sentimentos, se interagia com o grupo, suas dificuldades e áreas de interesse.

Conforme Schmidt, Mager e Santos (2022), o desenvolvimento cognitivo e sensorial da criança está diretamente relacionado com às interações humanas e com as interações com o entorno. Dessa forma, o pedagogo contribuiu para que essas interações fossem capazes de fornecer subsídios para a construção de conhecimentos ao promover experiências ricas e positivas para as crianças, bem como quando reconheceu originalidade e sensibilidade na criança, propiciando os recursos necessários para essas qualidades fluírem.

Havia quatro meninos com idades entre seis e onze anos, João, Nathan e Matheu que sentaram nas cadeiras ao redor da mesa e Sandro que permaneceu andando por toda a sala explorando o ambiente. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2000), Matheu, João, Nathan e Sandro estão no período da terceira infância, onde as brincadeiras tendem a ser informais e organizadas espontaneamente. Os meninos tendem a realizar brincadeiras que são mais fisicamente ativas e que promovem o desenvolvimento da agilidade e da competência social e favorecem o ajustamento à escola. Assim, segundo os autores, as crianças entre seis e onze anos de idade são mais independentes e fisicamente ativas do que nos anos pré-escolares. Elas também estão mais envolvidas com os amigos e estão aprendendo a pensar de maneiras mais complexas. A seguir, descrevo as reações das

crianças no CAPSi.

Matheu, 11 anos de idade, apresentou pouca interação com o grupo, não expôs ideias e sentimentos. Desenvolveu a proposta de forma rápida escolhendo apenas duas imagens, celular e filme de super-herói. O psicopedagogo avaliou a necessidade de conferir a Matheu mais estímulos a fim de que se sentisse motivado a expressar-se e interagir com as demais crianças.

João, 9 anos de idade, é comunicativo, afetuoso, falava o tempo todo durante o atendimento sobre todo o tipo de assunto e demonstrava interesse por matemática. Desenvolveu a proposta escolhendo imagens de pudim e cenoura e criou um preço para ambos. Desenhou corações e falou constantemente sobre relações afetuosas. Sentia-se a necessidade de João em criar vínculos e laços. Interagiu com o grupo, mas teve dificuldade em reconhecer os materiais expostos na mesa como tesoura, cola, lápis de colorir, e folhas A4. O psicopedagogo concluiu que a criança agrega todos como tendo laço familiar, sem perceber e identificar o par educativo, amigo, colega, família.

Nathan tem 11 anos de idade, foi comunicativo com o psicopedagogo, porém apresentou pouca interação com os outros meninos. Demonstrou possuir várias áreas de interesse, mas como se fosse para agradar a família e pouco interesse individual e específico. Desenvolveu a proposta escolhendo diversas imagens, todas para representar algum gosto ou memória afetiva da família *“Esse jogo porquê meu avô jogava comigo”*, *“Essa toalha da mesa da minha avó”*, *“O gato que sobe na janela da minha mãe”*, *“Bolinhas que meu avô colecionava”*, e além de escolher as imagens, representou cada figura através do desenho e escrita descrevendo e associando suas memórias às figuras escolhidas. O psicopedagogo avaliou que Nathan não se reconhece como ser individual e de gostos próprios, inclui a todo o momento a família e demonstra preocupação em agradar a todos. Além do grupo também foi encaminhado para atendimento psicológico para avaliação e percepção de ausência de transtorno ou distúrbio de aprendizagem.

Sandro tem 6 anos de idade e também não apresentou interação com o grupo. Ao entrar na sala explorou todo o ambiente, não realizou a proposta e permaneceu andando e explorando jogos e livros expostos. Quando questionado sobre os sentimentos de alegria, tristeza, raiva, medo e nojo representados pelas figuras coladas no quadro do filme *“Divertida Mente”*, não soube expressar suas emoções e associar seus sentimentos às figuras, não se manifestou com ideias e pensamentos. Utilizou diversas peças de jogos, acumulando todos, brincou sozinho e não guardou os materiais após utilizar. Foi encaminhado para atendimento individual a fim de investigar distúrbio ou transtorno de

aprendizagem através de dinâmicas lúdicas.

Não se está justificando o comportamento dos meninos pelo fato de terem permanecido em isolamento social durante a Covid-19, mas tem-se de mencionar que muito possivelmente a pandemia impactou na saúde mental dessas crianças, como impactou na de tantas outras. As crianças não fizeram questão de socializar e a socialização, a interação é uma característica marcante nessa faixa etária. Uma escuta atenta e humanizada e o devido acolhimento irão favorecer a formação de vínculo com a criança e com a família que faz parte da vida dessa criança.

Dessa forma, após o atendimento e avaliação das crianças, o grupo foi reformulado com a intenção de melhor avaliar e trabalhar com as crianças em suas áreas de interesse e dificuldades. Sandro de 6 anos foi encaminhado para atendimento individual, Matheu e Nathan de 11 anos e João de 9 anos permaneceram no grupo a fim de se integrar e trabalhar suas dificuldades.

A Interlocução com os responsáveis: Foram definidos os atendimentos individuais e a permanência em grupo de algumas crianças. Os pais concordaram com a posição do profissional. Observei espanto no pai de Nathan, ao saber que o filho escolheu apenas figuras de representação familiar e não se reconheceu como ser individual de gostos próprios. A avó de Matheu relatou que considerava o neto muito tímido e sem interesse na escola. A mãe de Sandro, 6 anos, entendeu sobre a necessidade de atendimento individual. E a mãe de João, 9 anos, reconheceu a demonstração afetiva do filho e relatou sobre observar falta de reconhecimento dele tanto dos objetos da casa quanto da escola.

Kappel et al. (2020) colocam que a comunicação interpessoal entre o profissional de saúde e os familiares responsáveis pela criança representa um “alicerce central e transformador” para o tratamento, podendo facilitá-lo ou dificultá-lo. Nesse dia todos os responsáveis compareceram permitindo ao psicopedagogo fazer a devolutiva acerca do desempenho das crianças.

Em *1º de fevereiro*, no segundo atendimento do grupo, o psicopedagogo utilizou peças de letras móveis de um jogo, escondendo as letras que formavam a palavra “Família”. As crianças foram orientadas a procurar as letras escondidas e descobrir que palavra ela formava. Após escrever a palavra foram incentivadas a falar o que entendiam por família.

Apenas duas crianças estavam presentes, João que estava presente no primeiro atendimento do grupo e Mariana, que não compareceu no primeiro atendimento. Ambos demonstraram interesse na dinâmica e adoraram procurar as letras para descobrir qual

palavra iriam formar.

João, 9 anos de idade, continuou comunicativo, falando o tempo todo durante o atendimento e demonstrando amorosidade. Desenvolveu a proposta procurando as peças em conjunto com a Mariana, tem iniciativa, demonstra curiosidade, porém ao ser solicitado que escrevesse seu entendimento sobre o que é família, escolheu desenhar e não escrever, incluindo no desenho o psicopedagogo que não faz parte do núcleo familiar.

Mariana, com 10 anos de idade, demonstra apatia, é pouco comunicativa, não apresenta interação com João, não expressa ideias e sentimentos, tem pouca iniciativa, ela espera João escolher o lugar para procurar as letras e acompanha. Tem dificuldade em ler e escrever.

Segundo Pereira et al. (2018), atividades de coordenação motora, reconhecimento das letras, identificação das características da personalidade da criança e de interpretação textual, são extremamente importantes para o diagnóstico psicopedagógico, pois a criança se diverte por meio de brincadeiras, jogos, tarefas e ainda é possível investigar o nível de aprendizagem da criança em atendimento e detectar as principais dificuldades de aprendizagem.

A partir dessa intervenção o psicopedagogo pode observar a interação entre as crianças, a cooperação, a troca de ideias, a percepção e exploração do ambiente, a projeção da família e seus laços afetivos. O psicopedagogo relatou que João precisa delimitar laços afetivos e conhecer frustrações, e que Mariana precisa ser estimulada a interagir em grupo e desenvolver a autonomia e expressão de sentimentos.

Embora a atuação do pedagogo se diferencia de acordo com o local onde esteja atuando, a intencionalidade de suas ações continua sendo o desenvolvimento integral da criança, e em um CAPSi mediará o diálogo e a interação entre as crianças, e muitas vezes entre a criança e o responsável por ela, bem como a sua inserção social e consequentemente escolar, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e social da criança usuária. Geremias e Neto (2023) comentam que nem sempre as crianças que recebem acolhimento institucional são recebidas por educadores sociais capacitados que proponham práticas pedagógicas que sejam efetivas e acolhedoras. Felizmente não é o caso observado nesta pesquisa. O psicopedagogo, além de possuir formação e experiência, possui uma escuta atenta e um olhar sensível tanto com as crianças quanto com os responsáveis com elas.

Segundo o Ministério da Saúde (2014), é importante que a criança, que está se desenvolvendo, conviva em um ambiente acolhedor, em uma família atenta e amorosa

onde se sinta amparada, sentindo-se inserida em um grupo social; à educação formal; às ações de promoção, proteção e recuperação da sua saúde. Ainda, segundo Costa e Carbone (2004), a vida de uma criança nos seus dois primeiros anos é determinada pelo ambiente doméstico, a vida da criança pequena é determinada pela escola e amigos, e o adolescente é influenciado pelos amigos e pelo mundo. Assim, a interlocução com os familiares se torna importante a fim de entender em que tipo de ambiente a criança vive.

A Interlocução com os responsáveis: Duas mães presentes, o profissional explicou a proposta e sua avaliação. A mãe de João relata que ele não se concentra em casa e tem dificuldade de percepção de objetos escolares; A mãe de Mariana comenta que ela não gosta de escrever e falar, não gosta de barulho e tem dificuldade em interagir.

Em *02 de Fevereiro*, o psicopedagogo teve o primeiro contato com um grupo também já existente que recebia atendimento psicopedagógico pelo antigo profissional da instituição. Eram cinco meninos presentes, idades entre cinco e treze anos, sendo dois meninos gemelares de onze anos. O psicopedagogo propôs o recorte de imagens de revistas para representarem coisas que gostassem de fazer.

Foi possível observar a falta de interação em grupo através das mais diversas situações, as crianças não apresentaram áreas de interesse em comum e muita divergência de idade. Demonstraram irritabilidade, pouca comunicação, falta de interesse na atividade e introversão.

Dessa forma, o profissional encaminhou uma das crianças para a psicóloga, a outra para o psiquiatra e a terceira para atendimento psicopedagógico individual.

Durante a interlocução com os responsáveis havia um pai, duas mães e uma avó presentes, e o profissional explicou a proposta e o que havia observado, todos os responsáveis concordaram com a posição do profissional, dois dos responsáveis relataram o uso de drogas na família e o interesse na procura por atendimento psicológico para as crianças e duas famílias relataram a falta de concentração em sala de aula.

A intervenção está voltada para a atenção na diversidade e tem como função proporcionar ajudas individuais necessárias para solucionar as dificuldades de aprendizagem, além de desenvolver seu processo de amadurecimento pessoal a partir de suas características singulares. (BATALLOSO, 2011, apud, PEREIRA, et al., 2018).

Por esse motivo o grupo não teve continuidade e as crianças foram encaminhadas para os devidos profissionais.

Em *15 de fevereiro*, no terceiro atendimento do grupo, foi proposto que as crianças produzissem em grupo um quebra-cabeça para depois jogarem. A intenção era estimular

a interação e observar como cada criança se insere em grupo, além de analisar o pensamento lógico, a organização, a escolha de imagem para a produção, a forma de elaborar o jogo e o desenvolvimento da atividade.

De acordo com Ferreira e Carvalho (2018), as oficinas terapêuticas representam a capacidade de respeitar o tempo e o ritmo psíquico de cada pessoa, sendo consideradas espaços terapêuticos a partir do momento em que os sujeitos que participam delas encontram um lugar de fala, expressão e acolhimento.

Nesse dia apenas duas crianças estavam presentes, João e Mariana. A proposta foi planejada para ser desenvolvida em grupo, onde os integrantes deveriam se comunicar e decidir juntos a imagem que iriam desenhar e a forma que iriam recortar as peças para formar um jogo de quebra-cabeça. Ambas as crianças presentes não entenderam a dinâmica como grupo e cada um escolheu uma imagem diferente sem conversarem sobre a proposta, iniciando a produção do jogo de forma individual.

Mariana, 10 anos de idade: Uma paisagem com sol, céu, nuvens, mar e montanha. A menina demonstra pouca comunicação, não interage com o menino, não expressa ideias e pensamentos, desenvolve a proposta com calma. Sempre observa a forma que o menino faz para iniciar sua produção, e acaba copiando alguns detalhes.

João, 9 anos de idade: Sol, céu, uma casa com a mãe na cozinha, ele com a irmã pequena no colo e o irmão brincando. Sempre comunicativo, explora os diversos assuntos, e finaliza a proposta com agilidade. Segundo o profissional, ele tem o pensamento acelerado e quando solicitado só pensa em finalizar a proposta sem acomodar as informações.

Após montarem as peças do quebra-cabeça, as crianças deixaram a atividade em exposição no mural e foram liberadas para a sala de espera enquanto o profissional realizava a devolutiva com as mães. Ele explicou a proposta realizada e a reação de cada criança.

O profissional fala sobre observar a importância da continuidade do grupo, pois a menina Mariana precisa ser inserida e desenvolver a interação em grupo, socialização e expressão de ideias, assim como sua autonomia frente a outra pessoa. E o menino, João de 9 anos de idade, precisa delimitar seus laços afetivos percebendo o papel de cada um na sua vida, além de precisar ser frustrado com certas situações para perceber que não é de todas as pessoas e situações que receberá amor.

Segundo o Ministério da Saúde (2014), a garantia do direito à palavra é uma questão essencial, ao falarem sobre si e ao se identificarem com suas próprias histórias, a

criança e o adolescente veem possibilidades de encontrar novos significados e novas formas de inserção na sociedade e na família.

Além das situações individuais, ambos apresentam dificuldades na escrita, leitura, percepção e acomodação do que é solicitado ou exercido durante os atendimentos. O grupo ainda conta com integrantes que não compareceram nos atendimentos, e a interação de todas as crianças ainda precisam ser analisadas.

No quarto atendimento do grupo, em 1º de março, o psicopedagogo propôs que as crianças confeccionassem um jogo de memória em conjunto para depois jogar em grupo e trabalhar noção visual, espaço, coletividade, concentração e coordenação motora.

Como os saberes da pedagogia reforçam, o pedagogo no exercício de sua função estabelece uma ponte para que ocorra o desenvolvimento do sujeito, e a consolidação do ensino/aprendizagem, que acontece por meio da didática de ensinar, de formar e de instigar o sujeito, atuando sempre como mediador do processo. (SILVA, GOIS, 2019, pg. 4).

Compareceram cinco crianças, sendo 4 meninos e 1 menina, Matheu e Nathan com 11 anos, Mariana 10 anos, João e Rafael com 9 anos. Havia 4 folhas e 5 crianças, elas não perceberam a quantidade desproporcional.

O profissional questiona sobre o problema e o menino João (9 anos) que já havia começado a produzir, para, pensa e sugere dividir sua folha com o colega e então usa a régua para medir a divisão, recorta ao meio e entrega uma parte para o colega.

As crianças não entendem que a proposta é para ser realizada em grupo com a produção de um jogo da memória em conjunto onde deveriam conversar e decidir as figuras. E então cada um inicia criando o seu jogo, eles utilizam a régua para desenhar um quadrado e dividem entre 16 e 50 quadradinhos para desenhar as figuras do seus jogos. O João inicia a produção dessa forma com 16 peças e os outros integrantes fazem da mesma forma criando até 50 peças.

Nathan, de 11 anos, desenhou uma figura e pediu para o colega do lado adivinhar o que era, falou algumas dicas dizendo que era um desenho e que tinha animais, todos os meninos levantaram para olhar e tentar adivinhar, despertando interação no grupo. A menina Mariana (10 anos) também tentou adivinhar, sugerindo em voz baixa o que poderia ser, mas não levantou da cadeira e continuou a produzir seu jogo.

Rafael, de 9 anos, apresentou concentração, agilidade e foco. Ao jogar com João (9 anos) ganhou todas as peças pois memorizava o lugar de cada peça ao virar. Ao jogar com Mariana (10 anos) percebi maior interação entre eles, ambos demonstraram

concentração, conversando sobre as peças durante o jogo. Ao final do jogo Mariana conseguiu 9 pares e Rafael 12 pares.

Matheu, de 11 anos, apresentou concentração no início da produção do jogo, mas após não se prender a proposta e finalizou procurando o mais fácil e rápido. Iniciou produzindo figuras como coração e flor pintando com lápis colorido e terminou reproduzindo apenas letras com lápis de escrever.

Nathan, de 11 anos, não concluiu a atividade, ele não finalizou a produção do jogo e com isso não jogou com nenhuma criança, ele pediu para levar para a casa e apresentou frustração.

Pela primeira vez o grupo demonstrou interação, onde os participantes conversaram e jogaram juntos mesmo desviando a proposta inicial de construir em conjunto o jogo da memória. As crianças precisam de tempo para se sentirem seguras e então socializar.

Segundo Loos-Sant'Ana e Gasparim (2013), os jogos e brincadeiras são meios oportunos de se levar a criança a desenvolver atividades que a deixem à vontade, apresentando menos interferências em sua análise.

Em conversa com o psicopedagogo, percebemos maior interação das crianças como grupo. Observamos evolução nas expressões e interação da menina Mariana, porém Nathan não acompanha o grupo no desenvolvimento das atividades e assim o profissional optou por encaminhar ele apenas para o atendimento individual.

O profissional encerrou o atendimento e todas as crianças foram para a sala de espera enquanto ele realizava a devolutiva com os responsáveis. A proposta realizada foi explicada, e a mãe do menino Nathan aceitou o encaminhamento para atendimento individual.

Segundo o Ministério da Saúde (2005), uma das diretrizes operacionais a serem seguidas nas ações de cuidados na saúde mental é comprometer os responsáveis pela criança ou adolescente a ser cuidado – sejam familiares ou agentes institucionais – no processo de atenção, situando-os, igualmente, como sujeitos da demanda;

No quinto atendimento do grupo, ocorrido no dia 29 de março, o psicopedagogo utilizou uma caixa com diversas imagens com a proposta de criar uma contação de histórias a partir de cada imagem escolhida. A intenção era estimular a imaginação, a comunicação e troca de ideias do grupo, observando a autonomia, criatividade e interação.

De acordo com Ferreira e Carvalho (2018), as oficinas terapêuticas são um espaço de inclusão social, em que os pacientes podem soltar a imaginação e o corpo, extravasar

medos, inseguranças, receios e serem os artistas de sua própria vida.

Estavam presentes nesse dia Nathan 11 anos, Mariana 10 anos, João e Rafael 9 anos e Pablo 9 anos novo integrante do grupo participando pela primeira vez após primeiro atendimento individual com o profissional. O integrante Matheu, 11 anos, estava ausente e não informou o motivo da falta.

Segundo o Psicopedagogo, Nathan 11 anos, menino que anteriormente foi retirado do grupo e encaminhado para atendimento psicopedagógico individual, solicitou para o profissional retornar para o grupo pois gostava da interação e sentia falta, o profissional avaliou e incluiu novamente a criança no grupo.

As crianças demonstraram interesse na proposta de criar uma história a partir de imagens distribuídas por sorteio, concluíram a contação de história dando continuidade a cada parte criada pelos integrantes conforme as imagens. Ao final da contação, todas as crianças escolheram representar a história através de desenho e pediram para o profissional escrever, pois achavam difícil.

João, 9 anos, apresenta uma boa expressão através dos desenhos, mantém a comunicação e afetividade durante o atendimento. Ele ainda apresenta dificuldade em reconhecer os materiais expostos na mesa, quando foi solicitado pelo colega para alcançar um lápis de cor ele entregou uma canetinha, não diferenciando os dois, o colega falou “*não, é o lápis de cor*”, e João ficou confuso e não entendeu a diferença entre os objetos. Ele apresentou mais organização no desenho, representando toda a história em ordem de acontecimentos no formato de história em quadrinhos. João, sempre recorre aos laços afetivos, mantendo as características que foram observadas desde o primeiro atendimento. Sempre é o primeiro a iniciar, fala o tempo todo, procura interagir em grupo de forma acolhedora, nos seus desenhos representa a figura afetiva, sua casa e família.

Mariana, com 10 anos, criativa com a construção da história, expressou ideias e interagiu com o grupo, representou a história com um desenho. Manteve-se introvertida, com dificuldade na expressão de sentimentos, mas comparada ao primeiro contato no grupo foi observada maior interação, desenvolvimento da fala e melhora na autonomia.

Nathan, de 11 anos, confuso com as palavras, ao pegar a imagem inicia dando continuidade na história, mas após começa a conversar sobre assuntos aleatórios e memórias pessoais, se perde no contexto da história e precisa ser lembrado sobre a atividade. Nathan, sempre recorre a memórias antigas, escolhe referências que façam relação com seus familiares, é o último a concluir as atividades por vezes não finalizando, se perdendo no contexto da proposta e com necessidade de ser lembrado da atividade.

Rafael, de 9 anos, apresenta boa comunicação e expressão durante a atividade, da continuidade a história respeitando o contexto do colega anterior.

Pablo, com 9 anos, é expressivo e comunicativo com o grupo, quando representa a história através do desenho, escolhe apenas a figura do gato, peça que foi incluída na história por outro colega.

Na interlocução com os familiares o profissional explicou o desenvolvimento do atendimento dando continuidade ao grupo de forma quinzenal e realizando alterações nos participantes sempre que necessário.

O trabalho em grupo proporciona situações em que a criança lidará com momentos de conflito e de cooperação. A criança aprende com outras crianças a partilhar, a resolver mais rapidamente um desafio, a conquistar seu espaço no grupo e, desde muito cedo, a importância das atividades realizadas em equipe. Identifica-se e pertence aos grupos com afinidades e identidade cultural. As crianças comparam desenhos, trocam ideias, ajudam e pedem ajuda para concluir as tarefas solicitadas. (LOOS-SANT'ANA, GASPARIM, 2013, pg. 205).

Durante o processo, as crianças demonstravam dependência afetiva e emocional dos familiares, em especial a mãe e irmãos. Roos e Truccolo (2021) mencionam que muitas famílias depositam na escola a responsabilidade principal pela educação das crianças e que as crianças gostariam que os pais fossem mais presentes na escola. Essa dependência emocional pode ser em consequência de que atualmente as famílias possuem diferentes configurações, os dois cônjuges normalmente trabalham e muitas vezes as crianças ficam até mesmo sozinhas em casa o dia inteiro.

Percebi desenvolvimento da interação de todos os integrantes, evolução na expressão e entendimento da realização das atividades em conjunto respeitando a vez de cada um.

Dessa forma, atualmente, os grupos são formados por faixa etária e não pelo CID (Classificação Internacional de Doenças Relacionadas à Saúde) do usuário, propiciando interações ricas, onde cada um aprende a conviver com as suas peculiaridades e com a peculiaridade do outro. As dinâmicas e oficinas visam trabalhar as necessidades da criança para um desenvolvimento adequado.

Silva e Gois (2019) realizaram uma revisão de literatura sobre o trabalho do pedagogo na saúde mental. Os autores ressaltam a relevância do olhar do pedagogo em espaços não escolares e em específico no Centro de Atenção Psicossocial com pacientes em sofrimento psíquico, a fim de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, no desenvolvimento da autonomia, inserção social e reconhecimento de si. Concluem que é

através de um olhar holístico no planejamento de atividades que objetivam o desenvolvimento do bem-estar psicológico e inclusão social através da didática de ensinar e incentivar novas descobertas e habilidades, atuando como mediador do processo e fortalecendo o vínculo entre educação e saúde mental como áreas que se complementam.

### **CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS**

A questão de pesquisa que norteou o estudo foi: Qual a contribuição da psicopedagogia no atendimento em grupo em um centro de atenção psicossocial infantojuvenil (CAPSi)? Para isso objetivou-se analisar as intervenções psicopedagógicas no atendimento em grupo em um centro de atenção psicossocial infantojuvenil (CAPSi), localizado no interior do estado do Rio Grande do Sul. A fim de cumprir com o objetivo geral traçou-se os seguintes objetivos específicos: conhecer as atividades propostas pelo psicopedagogo a um grupo de crianças usuárias; observar a reação das crianças frente às atividades propostas; conhecer como ocorre a interlocução entre psicopedagogo e os responsáveis pelas crianças.

Respondendo ao primeiro objetivo específico, o pedagogo organizou dinâmicas através de jogos, recorte e colagem de imagens a partir de revistas, confecção de jogo de memória bem como incentivou as crianças a contarem histórias e a desenharem, sempre respeitando as singularidades de cada criança e valorizando a estimulação sensorial a partir da organização da sala, incenso, colocação de música e iluminação. Transpareceu a atenção dada ao espaço como sendo um potencial local de produção de subjetividades, ficando nítido que a composição da ambiência foi pensada com afeto, com amorosidade.

Com relação à reação das crianças frente às atividades propostas pode-se concluir que as crianças sentiram a dedicação do pedagogo e nos seus ritmos se propuseram a realizar com o proposto. Algumas foram mais além e como que em uma tentativa de pedir socorro depositaram confiança quase que imediata no profissional contando suas angústias. Acredita-se que são esses comportamentos que conferem ao profissional a certeza de que traçou o itinerário correto.

Na interlocução com as famílias percebeu-se a esperança tanto na fala quanto no olhar da mãe, da avó, do pai, da figura do pedagogo como sendo a pessoa que iria resolver o problema da criança.

Logo, conclui-se que o CAPSi estudado vai ao encontro aos princípios de ambiência e a perspectiva do atendimento humanizado através de um ambiente acolhedor com uma

equipe multiprofissional. Foi possível observar o vínculo da criança com a instituição e o seu desenvolvimento frente às intervenções realizadas pelo psicopedagogo, afirmando a importância do atendimento realizado no CAPSi e da atenção humanizada de todos os profissionais.

Foi uma experiência única e gratificante, inicialmente transbordando em porquês e finalizando com o entendimento de que todos possuímos trajetórias distintas que eventualmente se cruzam e que ao se cruzarem acabam impactando na vida do outro. Com uma atitude acolhedora, um olhar atento e uma escuta sensível de valorização da criança no seu itinerário terapêutico, o psicopedagogo colocará em prática a humanização no processo de produção de saúde.

## REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. Editora Penso. 2009.  
ARAÚJO, Emanuel Bruno et al. Territorialização em saúde como instrumento de formação para estudantes de medicina: relato de experiência. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 16, n. 1, 2017.

BARROS, S., BATISTA, L. E., SANTOS, J. C., MESSIAS, L., MARTINS, L. R., BALLAN, C., et al. **Relatório técnico do diálogo deliberativo “O processo de cuidar em saúde mental da criança/ adolescente negro usuário de CAPSi”**. EEUSP. 2020.

BATISTA, Leila Santos; GONCALVES, Bárbara; ANDRADE, Márcia Siqueira de. Avaliação psicopedagógica de criança com alterações no desenvolvimento: relato de experiência. **Rev. psicopedag.** São Matias, v. 32, n. 99, p. 326-335, 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862015000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000300006&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 04 maio 2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em: [L9394compilado \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/l9394compilado). Acesso em 3 de abril de 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília (DF), p.86. 2004. Disponível em: [http://www.ccs.saude.gov.br/saude\\_mental/pdf/sm\\_sus.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf). Acesso em 3 de maio de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. **Caminhos para uma Política de Saúde Mental Infanto-juvenil**. 2. ed. Brasília, DF: MS; 2005. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/05\\_0887\\_M.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/05_0887_M.pdf) Acesso em 3 de maio de 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Ambiência**. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ambiencia\\_2ed.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ambiencia_2ed.pdf) Acesso em 13 de março de 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.** Brasília, 15 de maio de 2006, Seção 1, p. 11. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf) Acesso em 3 de abril de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS : tecendo redes para garantir direitos /** Ministério da Saúde, Conselho Nacional do Ministério Público. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 60 p.: il. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao\\_psicossocial\\_crianças\\_adolescentes\\_sus.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf) Acesso em 10 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA.** Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: [Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA \(saude.gov.br\)](http://saude.gov.br/centros-de-atencao-psicossocial-e-unidades-de-acolhimento-como-lugares-da-atencao-psicossocial-nos-territorios-orientacoes-para-elaboracao-de-projetos-de-construcao-reforma-e-ampliao-de-caps-e-de-ua) Acesso em 20 mar. de 2023.

COSTA, Elisa Maria Amorim, CARBONE, Maria Herminda. **Saúde da Família – Uma Abordagem Interdisciplinar**, Livro, Editora Rubio, ISBN-13 978-8587600363, 2004.

CUNHA Carolini Cassia, BOARINI Maria Lucia, **O Lugar da Criança e do Adolescente na Reforma Psiquiátrica**, Revista Psicologia e Saúde, v 3, n. 1, jan. – jun. 2011, pp. 68-76. ISSN: 2177-093X. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/83/150> Acesso em 06 de fev. De 2023.

CRUZ, Hizabella de Andrade Barros et al. Oficinas artísticas como ferramenta reabilitadora da saúde mental no CAPS. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.7, n.11, p. 106010-106021 Nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n11-303> Acesso em 17 Jan. 2023.

FARIAS, Iris Maria dos Santos; FRANCISCO, Deise Juliana. Atuação do pedagogo no caps: uma revisão de literatura. **Revista saberes docentes em ação**. v. 6 n. 1 (2022): 6ª Edição, 22-39. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/semmed/revista-saberes-docentes-em-ação> Acesso em 17 jan. 2023.

FERREIRA, Karine Fatima, CARVALHO, Valeria Cristina Santos. OFICINAS TERAPÊUTICAS: caminhos de saberes. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba - ISSN 1984-4840**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1984-4840.2018v20i2a5>. Acesso em 26 jan. 2023.

GEREMIAS, A. A.; SOUZA NETO, J. C. de. Formação do educador social no acolhimento institucional: desafios e perspectivas para uma prática transformadora.

**Peer Review**, [S. l.], v. 5, n. 7, p. 298–315, 2023. DOI: 10.53660/399.prw1001. Disponível em: <https://peerw.org/index.php/journals/article/view/399> . Acesso em: 28 maio. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Matias: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE: População estimada**: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/alegrete>. Acesso em 6 de maio de 2023.

KAPPEL, V. B. et al. Professional-family communication in a children's psychosocial care center: practicalities and difficulties. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 29, p. e20190025, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0025> Acesso em 20 jan de 2023.

LEVY, L. dos S. Oficinas terapêuticas e produção de vínculo em CAPS AD. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 97–106, 2016. DOI: 10.5007/cbsm.v8i19.69020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69020> . Acesso em: 31 maio. 2023.

LOOS-SANT'ANA, H.; GASPARIM, L. Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos. **Educação em Revista**, v. 29, n. 3, p. 199–230, set. 2013. Disponível em : <https://doi.org/10.1590/S0102-46982013000300009> Acesso em 15 de maio de 2023.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. **Atlas**. 8ª ed., 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Matias: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012

NETO, O.C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Patrícia Fonseca de; MELO JUNIOR, Walter; VIEIRA-SILVA, Marcos. Affectivity, freedom and activity: the therapeutic tripod of Nise da Silveira in the Center for Creation and Research Frogs and Drowned. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 12, n. 1, p. 23-35, abr. 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100003&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 18 maio 2023.

OLIVEIRA, A. L. DE M.; PERES, R. S. As Oficinas Terapêuticas e a Lógica do Cuidado Psicossocial: Concepções dos(as) Coordenadores(as). **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. spe4, p. e204609, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003204609> Acesso em 20 jan 2013.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PEREIRA, Maria De Fatima Do Nascimento et al. **A importância das atividades psicopedagógica em um centro de atenção psicossocial e suas atribuições no desenvolvimento de seus clientes**. Anais III CINTEDI... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/44254> Acesso em: 24 de maio de 2023.

QUEIROZ, Danielle Teixeira, VALL, Janaina, SOUZA, Ângela Maria Alvez e, VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Observação participante na pesquisa qualitativa: Conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enfermagem UERJ** - Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod\\_resource/content/1/Observa%0B%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/Observa%0B%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf) Acesso em 6 de abril de 2023.

QUERINO, Rosimár Alves et al. Formação de (novos) braços para a luta: experiências de acadêmicos na rede psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320307> Acesso em: 7 de abril de 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual de Saúde. **Projeto Terapêutico Singular na Atenção Primária à Saúde**. Divisão de Atenção Primária à Saúde - Porto Alegre: Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://admin.atencaobasica.rs.gov.br/upload/arquivos/202207/05102205-07101125-pts-1.pdf>. Acesso em 8 de maio de 2023.

ROOS, Marcia Sabrina Roos de. TRUCCOLO, Adriana Barni. Mesossistema escola-família: impacto no desenvolvimento integral da criança. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano: 06, Ed. 08, Vol. 02, pp. 97- 118. Agosto 2021. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/integral-da-crianca> Acesso em 29 de abr. de 2023.

ROCHA, M., ROSAS, M., OLIVEIRA, M., SILVA, M., SANTOS, N., SILVA, F., LIMA FILHO, I. (2022). Uso de oficinas de atividades autoexpressivas pela terapia ocupacional na atenção a pessoas em sofrimento psíquico: relato de experiência/ Use of self-expressive workshops by occupational therapy in attention to people in psychic suffering: experience report. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional** - REVISBRATO, 6(1), 699-714. doi:<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto44053> Acesso em 20 jan 2023.

SARACENO, B. **O futuro da psiquiatria e da saúde mental**. *Saúde Em Debate*, 44(Esp. 3), 29-32. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E304> Acesso em 26 de mar. de 2023.

SCHMIDT, M. C.; MAGER, G. B.; SANTOS, C. T. dos. O design de objetos rumo à sensibilização e inclusão de crianças pelo sensorio. **Human Factors in Design**, Florianópolis, v. 11, n. 21, p. 097-108, 2022. DOI: 10.5965/2316796311212022097. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/hfd/article/view/20056> . Acesso em: 18 maio. 2023.

SILVA, Júlia Grasiela Santos. GOIS, Adriano Lucena. O TRABALHO DO PEDAGOGO NA SAÚDE MENTAL: apontamentos para uma pedagogia não escolar. In: **IX Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas (EPEAL)** - Maceió, 2019. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/ixepeal/trabalho/123443>. Acesso em 20 jan. 2023 .

SOUZA, Luciano; ALMEIDA, Flávio; DUTRA, Neide. Pedagogo em ambientes não escolares – atuação do pedagogo junto ao centro de atenção Psicossocial infantojuvenil-caps i. **Revista Transformar** |13(2), ago./dez. 2019. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/266> Acesso em 17 jan. 2023.

SOUZA, Andrielle Sisneiro de. TRUCCOLO, Adriana Barni. Infâncias e pandemia do coronavírus: sentimentos e percepções de meninas e meninos escolares. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano. 07, Ed. 08, Vol. 04, pp. 184-203. Agosto de 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/infancias-e-pandemia> Acesso em 18 jan. 2023

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico - Livro eletrônico**. ISBN 978-85-249-2081-3 - 1. ed. - São Matias: Cortez, 2013. Acesso em 7 de abril de 2023.